

# AS LUZES QUE ILUMINARAM MUITAS VIDAS

Marcelo Abreu  
Da equipe do **Correio**

Faz 23 anos. Mas a memória ainda está quente. Como pão de queijo recém-saído do forno. O ano era 1975. Plena ditadura militar. O silêncio se fazia lei. Brasília tinha menos de duas décadas de existência. Um lugar pacato. Não havia sequer engarrafamento. O trânsito fluía. Notícias de violência eram vistas apenas na televisão. A capital da República respirava tranqüilidade.

Todos os finais de semana, a dona-de-casa Selma Correa — hoje com 60 anos — fazia o mesmo ritual. Com o marido e a filha mais velha, então com 9 anos, ia até a fonte luminosa da Torre de Televisão. Passeio sagrado. Começava por volta das 19h30 e só terminava às 22h, quando a fonte era desligada.

Selma esperava ansiosamente o sábado chegar. “Sentia uma paz enorme. É como se me transportasse para o paraíso”, lembra. Paraibana de João Pessoa, em 1975 ela estava grávida da segunda filha, Daniele.

Ver a fonte luminosa e a música que saía dela a impressionavam. “Era uma música clássica relaxante”, recorda. “Comprávamos milho assado, algodão doce e sentávamos perto da fonte. Ficávamos horas ali, só observando aquela maravilha de cores e o movimento das águas.”

Uma Variant 1970 da família era a companheira para aquelas noites de fim de semana. “Saí da Paraíba e fui morar no Rio de Janeiro. Do Rio, viemos pra cá. Achava a cidade muito diferente de tudo que tinha visto na vida. Fiquei muito deprimida e traumatizada até. A única coisa que me confortava e me fazia gostar da cidade era a fonte”, conta Selma.

## ROMARIA EM BUSCA DE AMIZADE

Da Rodoviária, lembra Selma, subia gente para ver o espetáculo de água e música da fonte. “Parecia procissão.” Gente em fila, gente em bando, gente sozinha, gente com ami-

gos. Jovens em roda de violão. Jovens enamorados. Muita gente.

Em noites de chuva, Selma, o marido e a filha de 9 anos ficavam dentro do carro ouvindo a música que se misturava aos jatos coloridos d’água. “Os jatos saíam de acordo com o ritmo da música”, diz ela.

Em noite de lua cheia, o cenário era perfeito para namorados. “Quem não tinha namorado arrumava amigos, batia papo em rodinhas. Disfarçava um pouco a solidão.”

Selma teve, então, sua segunda filha. Bebê, dentro de um carrinho, Daniele ia com os pais à fonte da Torre. “Só deixei de ir lá quando foi desativada”, lamenta ela, que fez dos jatos d’água iluminados sua companhia nos momentos de solidão. Sobre a reinauguração da fonte, a dona-de-casa é só sorrisos: “É claro que vou visitar novamente”.

## INICIAÇÃO SEXUAL E GRAVIDEZ

Wilton Ferreira fugia de casa, no Gama, para ir à Torre de TV. “Quando voltava, meus pais sabiam pra onde eu tinha ido e a surra era boa. Uma vez meu pai e um primo foram me buscar lá na torre”, lembra.

Dos 12 aos 17 anos, esse professor de matemática, hoje com 23 anos, fez da fonte luminosa seu passatempo nas noites de sábado e domingo.

“Achava as cores muito bonitas. Tudo era muito legal”, diz. Namoros e amizades foram feitos ali. “Posso dizer que os primeiros papos sobre sexo rolaram na fonte. Conversávamos sobre masturbação e até gravidez. Aliás, nessa época, uma colega nossa ficou grávida”, conta.

Se Wilton lembra dos “papos-cabeça” com os colegas, o estudante

Alexandre Ferreira, de 22 anos, recorda do Falcon — aquele boneco-robô a pilha que enlouqueceu dez em cada dez crianças na década de 80. “Eu tinha uns seis, sete anos e achei um Falcon ali, pertinho da fonte. A fonte, pra mim, tinha a cara do Falcon. Fiquei numa felicidade só.”

Mas, na cabeça de criança, a fonte era também um lugar perigoso.

“Achava que era fundo e que se a gente caísse ali nunca mais voltaria.”

Um momento de tristeza do rapaz é quando se lembra da mãe, morta há 11 anos. Foi

com ela que Alexandre visitou pela primeira vez a fonte. “Até hoje guardo um retrato que tiramos lá.”

## SOLIDÃO, NAMORO E TERAPIA

Ela veio do Rio de Janeiro aos 17 anos. “Sofri à beça, aqui. Vim morar com uma tia e não conhecia ninguém”, conta a hoje empresária Sueli de Farias, de 44 anos, separada, três filhos. “Vim pra estudar e arrumar um emprego. A cidade *tava* começando e aqui estariam as melhores chances”, explica.

Sueli veio. Sofreu. Venceu. Mas nem tudo foram rosas. “Sentia saudade da minha família, dos meus amigos.” A opção da então adolescente era a fonte da Torre. “Ia lá todo fim de semana. Sentava, me encatava com a música clássica, a água. Era onde eu fugia da minha solidão. Chorava muito, olhando a fonte. Era a minha terapia”. Mas nem tudo foram lágrimas. “Arrumei também um namoradinho. Nada sério”, brinca.

“Às vezes, nem tinha planejado ir à Torre, mas, quando o ônibus passava por perto (antes os ônibus para a Asa Norte iam por lá), eu via os ja-

tos de água e descia imediatamente. Era, sem dúvida, a melhor coisa que tinha em Brasília naquela época.”

Com a reinauguração da fonte, Sueli já faz planos: “Todos os domingos — se estiver em Brasília — irei lá. Acho que, mais do que qualquer coisa, essa fonte funcionando é um resgate da História da cidade”.

## O PODEROSO HOMEM DA FONTE

Durante “oito, nove anos” — ele nem lembra mais —, o auxiliar de serviços de engenharia Wilson Dias Martins, da Novacap, foi o “dono da fonte”, na década de 70. Era o homem que, de dentro da casa de máquinas, ligava e desligava toda aquela parafernália. Não só isso. Controlava o volume da música, a intensidade dos jatos d’água e consertava qualquer defeito.

“Às vezes, tinha gente que queria tirar fotos e pedia pra eu diminuir os jatos e mudar as cores”, lembra. O trabalho era sagrado. Faltar, nem pensar. Os turistas e os frequentadores contumazes não o perdoariam. Às quartas-feiras, aos sábados, domingos, feriados e “quando tinha alguma autoridade do governo que chegasse”, Wilson estava ali, na casa de máquinas. “Nunca me enjoei do serviço. Todo dia era um novo espetáculo. Tinha muitas cores”, extasia-se.

Aposentado, aos 64 anos — três filhos, dois netos, morador da 103 Sul —, Wilson sente saudade do tempo em que era “o senhor dono da fonte”. O homem que conhecia cada detalhe daquela engenhoca. Sente saudade de um tempo que Brasília, provavelmente, não viverá mais. Nem com a nova fonte.

“A cidade era menos violenta. A gente nem ouvia falar em crimes. Era coisa de Rio de Janeiro e São Paulo”, avalia. “As pessoas iam à noite para a fonte — a pé ou de carro — e passeavam pela Torre. Namoravam com tranqüilidade. Tinha mais de 20 pipoqueiros. Hoje, é provável que as pessoas vejam o espetáculo de dentro dos carros, com os vidros fechados.”

“SENTIA UMA PAZ ENORME. É COMO SE ME TRANSPORTASSE PARA O PARAÍSO. ERA O LUGAR MAIS BONITO EM BRASÍLIA”

Selma Correa  
dona de casa